REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

FILOLOGIA E ESTUDOS DO LÉXICO

ARTIGO

O LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA PATENTE NA DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA DO SÉCULO XVI: NOTAS SOBRE O PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE ENSINO*THE LEXICON OF THE PORTUGUESE LANGUAGE EVIDENT IN 16TH-CENTURY PEDAGOGICAL DOCUMENTATION: NOTES ON PORTUGUESE AS A LANGUAGE OF INSTRUCTION*

LISANA RODRIGUES TRINDADE SAMPAIO

Doutora em Linguística Histórica pela Universidade Federal da Bahia. Professora da UFRB. E-mail: lisanasampaio@ufrb.edu.br

RESUMO

Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa em andamento sobre o processo de consolidação do português como “língua de ensino” no século XVI, com foco na análise lexical de documentos pedagógicos portugueses quinhentistas. A partir da catalogação de obras disponíveis na Biblioteca Nacional de Portugal, como a *Cartinha pera ensinar a leer* (1500?) e a *Lei estabelecendo a formação dos letrados...* (1539), são discutidas as primeiras aparições do português na documentação escolar e metalinguística. As edições semidiplomáticas dessas obras foram realizadas com rigor filológico e subsidiaram a elaboração inicial de um vocabulário do léxico do ensino, segundo os pressupostos da Lexicografia histórico-variacional. O estudo ressalta a importância do léxico como espaço privilegiado de observação das reconfigurações socioculturais que marcaram a transição do período arcaico ao moderno da língua portuguesa e discute os desafios teóricos e metodológicos de se definir um “léxico do ensino” nesse contexto.

Palavras-chave: História da língua portuguesa; léxico do ensino; português quinhentista; documentação pedagógica; lexicografia histórico-variacional.

ABSTRACT

This article presents partial results of ongoing research on the consolidation of Portuguese as a “language of instruction” in the 16th century, focusing on the lexical analysis of pedagogical documents from early modern Portugal. Based on the cataloging of works available in the National Library of Portugal – such as *Cartinha pera ensinar a leer* (1500?) and *Law establishing the training of canonists and legists...* (1539) – the study discusses the emergence of Portuguese in educational and metalinguistic documentation. Semi-diplomatic editions of these texts were produced with philological rigor and served as the foundation for the initial development of a vocabulary of educational lexicon, grounded in the principles of historical-variational lexicography. The research highlights the lexicon as a privileged site for observing the sociocultural transformations marking the transition from archaic to modern Portuguese and reflects on the theoretical and methodological challenges of defining a “lexicon of instruction” in this context.

Keywords: educational lexicon; historical-variational lexicography; Portuguese language; 16th century; philology.

INTRODUÇÃO

É consabido que Portugal é consolidado, nos séculos XII e XIII, como um reino cristão ágrafo (Faraco, 2016; Mattos e Silva, 2002). “O latim era o veículo oficial escrito e também seria falado em situações de formalidade, tanto religiosa como leiga” (Mattos e Silva, 2002, p. 7). Nesse cenário, o latim imperou como “língua de ensino” durante toda Idade Média.

No entanto, com a consolidação das línguas românicas, o que anteriormente era considerado apenas uma linguagem, ou seja, um formato linguístico sem prestígio social, foi progressivamente ascendendo à condição de língua românica vernácula. Essa língua passou a concorrer com o latim na redação de alguns documentos, substituindo-o em alguns casos.

Ao observar as obras disponíveis no acervo digital da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), constata-se que foi nos finais do século XV e início do século XVI que começaram a surgir as primeiras propostas de sistematização das línguas românicas e sua, ainda tímida, estreia na documentação pedagógica, da qual o português começa a fazer parte com as primeiras gramáticas e as cartinhas/cartilhas.

Muitas propostas de periodização histórica da língua portuguesa têm considerado esse momento como limite final do período arcaico e início do moderno, evidenciando a importância desse aparelho pedagógico que começa a ser delineado com essas publicações e que se multiplicará, tornando-se a base do ensino do português.

Com base nessas premissas, buscou-se catalogar essa documentação remanescente disponível em acervo digital da Biblioteca Nacional de Portugal¹, observando a partir do léxico, considerado o nível de análise linguística em que as mudanças socioculturais se evidenciam mais clara e imediatamente, como ocorreu o processo de estabelecimento do português como língua de ensino ao longo do século XVI.

No presente estudo, serão apresentadas notas sobre a pesquisa do início do português como “língua de ensino”, a catalogação das obras quinhentistas, ainda em andamento, a partir das quais se tem elaborado edições com o devido rigor filológico, com o intuito de investigar o léxico, divulgando também a construção, ainda em curso, de um vocabulário do léxico do ensino do português empregado no século XVI, elaborado com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Lexicografia histórico-variacional.

Como resultados já alcançados apresentam-se notícias sobre as edições de duas obras quinhentistas, a “Cartinha pera ensinar a leer” (1500?) e a “Lei estabelecendo a formação dos letrados canonistas e leigos para o exercício do cargo de desembargador, corregedor, ouvidor da comarca e juiz de fora” (1539), e alguns verbetes elaborados a partir dessas edições, discutindo as principais dificuldades encontradas no desenvolvimento da pesquisa e a noção de “léxico do ensino” construída nesse primeiro momento.

Dessa forma, este trabalho pretende contribuir para as discussões engendradas no âmbito do ensino de língua portuguesa e da constituição do seu léxico, colaborando com uma das frentes de investigação do Grupo de Pesquisa Nêmesis, ao qual se filia e para ampliação da pesquisa desenvolvida na área de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

NOTAS SOBRE O INÍCIO DO PORTUGUÊS COMO “LÍNGUA DE ENSINO”

As investigações empreendidas a partir da documentação portuguesa quinhentista remanescente têm evidenciado que, ao longo do século XVI, a ampliação da produção dos textos escritos, assim como os novos mecanismos de controle do uso linguístico e o alargamento do campo literário articulado com a figura do autor representam significativas reconfigurações socioculturais (Mattos e Silva, 2001).

O surgimento das primeiras obras metalinguísticas sobre o português e das primeiras propostas de ortografia marcam seu início como “língua de ensino” e para as pesquisas dedicadas à investigação da história da língua portuguesa indicam também o fim do período arcaico e o alvorecer do período moderno.

Mattos e Silva (2006, p. 22) afirma que o limite entre os períodos arcaico e moderno da língua portuguesa é estabelecido considerando apenas acontecimentos extralinguísticos, uma vez que uma cronologia relativa ao desaparecimento de características linguísticas que configuram o português antigo em oposição ao moderno ainda não foi estabelecida.

Acontecimentos como: o surgimento do livro impresso, em substituição aos manuscritos medievais, nos fins do século XV, e suas consequências culturais; o incremento da expansão imperialista portuguesa no mundo, que se refletiu na sociedade portuguesa européia pelo contato com novas culturas e novas línguas, provocando, certamente, reflexos na língua portuguesa no seu processo de variação e mudança; o delineamento de uma normatização gramatical, a partir de 1536, com a gramática de Fernão de Oliveira, e de 1540, com a gramática de João de Barros, aparelho pedagógico que, juntamente com as cartinhas/cartilhas, se multiplicaram daí por diante, darão conformação explícita a um futuro “dialetto” que se tornará a base para o ensino (Mattos e Silva, 2006, p. 22-23).

É nesse período que, de acordo com Mattos e Silva (2006, p. 23), o português passa a ser a “língua de ensino” ao lado do latim, língua exclusiva da escola em toda Idade Média. Premissa que, somada aos consequentes favorecimentos dos eventos culturais e sociais mencionados às mudanças linguísticas, fomentará muitas pesquisas sobre os registros quinhentistas remanescentes.

A vasta bibliografia produzida a partir desses documentos remanescentes tem contribuído para ampliação do

¹O acervo digital da Biblioteca Nacional de Portugal está disponível no endereço eletrônico: <https://bndigital.bnportugal.gov.pt/>, acesso em 16 de junho de 2024.

conhecimento sobre o período e para investigação das características linguísticas do português quinhentista. Trabalhos como a “Historiografia da língua portuguesa”, de Buescu, publicado em 1984, ou como a dissertação de Jane Keli Almeida da Silva, defendida no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA, intitulada “Vocabulário gramatical quinhentista: para uma análise contrastiva da metalinguagem em Fernão de Oliveira e João de Barros” têm divulgado essa produção e reafirmado a sua relevância.

No que concerne ao léxico, considerado o nível de análise linguística em que melhor podem ser observados os movimentos socioculturais e políticos, ao que se sabe, não há, senão de forma genérica (Cf. Machado Filho, 2019; 2013), o registro lexicográfico sistemático das unidades lexicais relacionadas ao âmbito do ensino do português no século XVI.

Por essa razão, para empreender um estudo desse processo, aventou-se a catalogação da documentação quinhentista portuguesa de cunho pedagógico que tenha alguma relação com o processo de estabelecimento do português como “língua de ensino” disponível no acervo digital da Biblioteca Nacional de Portugal.

DOCUMENTAÇÃO QUINHENTISTA PORTUGUESA DE CUNHO PEDAGÓGICO

Como afirma o estudioso Telmo Verdelho (2001, p. 80), foi ao longo da segunda metade do século XV e no século XVI, que “a aprendizagem da escrita e da leitura em vernáculo foi muito valorizada”. Nesse período, as “artes de aprender a ler” tornaram-se frequentes e poderão mesmo ter constituído os primeiros *best-seller* do negócio editorial português. Eram conhecidas como “Cartinhas” ou “Cartilhas” e, pelo que se sabe, é possível afirmar que houve tiragens de vários milhares, os testemunhos remanescentes “não são muitos, mas pelo dedo se pode reconstituir o gigante” (Verdelho, 2001, p. 80).

O termo “cartinha”, segundo Rosa (2002, p. 143), “designava, na primeira metade do século XVI, um tipo de livrinho, impresso aos milhares, que servia ao ensino dos rudimentos da Doutrina e ao ensino das primeiras letras. O termo pode ter como origem a tradução do latim *chartula*” (Rosa, 2002, p. 143).

Dentre as cartinhas remanescentes no acervo consultado, foi selecionada como primeiro documento a ser estudado, a “Cartinha pera ensinar a leer” (1500?), por ter sido o documento mais antigo de cunho pedagógico localizado no período de interesse dessa investigação.

Foram selecionadas também as famigeradas gramáticas quinhentistas: a “Grammatica da lingoagem portuguesa”, de Fernão de Oliveira, datada de 1536; e a “Grammatica da lingua portuguesa”, de João de Barros, datada de 1540.

Considerou-se como uma obra relevante para a pesquisa sobre o português como “língua de ensino”, a obra: “Lei estabelecendo a formação dos letrados canonistas e leistas para o exercício do cargo de desembargador,

corregedor, ouvidor da comarca e juiz de fora”, datada de 1539, que versa sobre o tempo estabelecido por Dom João III para a formação dos cargos mencionados no título e o “letramento” requerido.

Além dessas quatro obras, foram também catalogadas e selecionadas para estudo, até o momento: a “Ordenaçam da ordem do juízo”, de 1526, a “Ordenaçam pera os estudâtes da Universidade de Coymbra sobre os criados. Bestas. E trajos. E outras cousas.” (1539); “Diálogo em louvor da viçiosa vergonha”, também de João de Barros (1540); “Regras que ensinam a maneira de escreuer a orthographia da lingua portuguesa : com hum Dialogo que adiante se segue em defensam da mesma língua”, de Pero de Magalhães de Gandaio (1574) e a “Orthographia da lingoa portuguesa: obra vtil & necessaria assi pera bem screuer a lingoa Hespanhol como a Latina & quaesquer outras que da Latina teem origem; Item hum tractado dos pontos das clausulas”, de Duarte Nunez do Lião (1576).

Como mencionado, pretende-se, a partir da edição dessas obras, elaborada com o devido rigor filológico, empreender um estudo acerca do léxico relacionado ao ensino, com o intuito de investigar aspectos socioculturais e linguísticos no processo de estabelecimento do português como língua de ensino no século XVI e construir um vocabulário do léxico do ensino, com base nos pressupostos metodológicos da lexicografia histórico-variacional.

NOTÍCIAS DAS EDIÇÕES DE DUAS OBRAS QUINHENTISTAS

Conforme o exposto, a eleição dos *corpora* tem como critério-base a disponibilidade do documento do acervo digital da Biblioteca Nacional de Portugal.

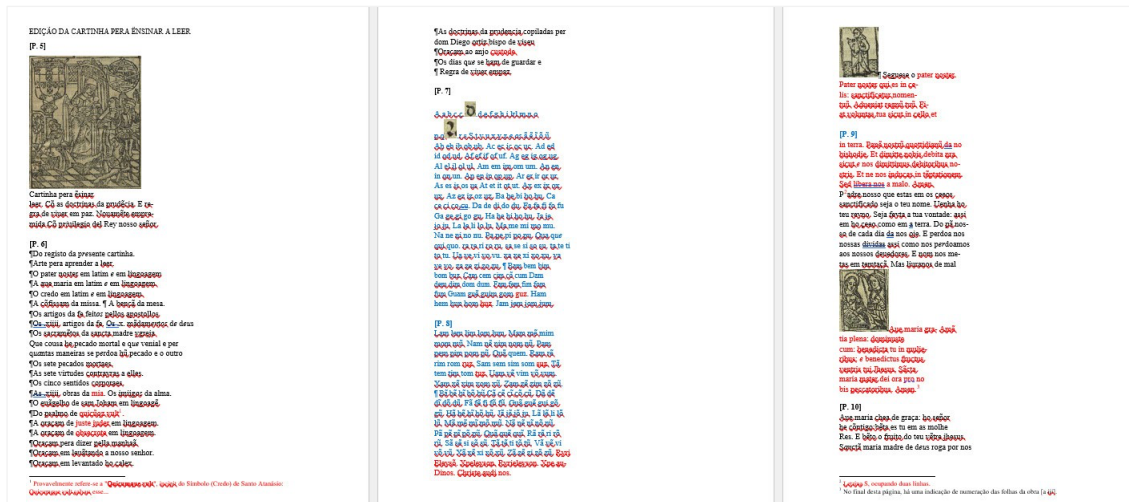
Dentre as obras identificadas, até esta altura, foi possível construir uma cuidadosa leitura de duas obras, a saber: a “Cartinha pera ensinar a leer” (1500?) e a “Lei estabelecendo a formação dos letrados canonistas e leistas para o exercício do cargo de desembargador, corregedor, ouvidor da comarca e juiz de fora” (1539).

Essas edições foram elaboradas com o devido rigor filológico, o que equivale a dizer que a fixação, anotação e preparação do texto para análises linguísticas foram realizadas observando certas normas capazes de assegurar que fique intacta a fase linguística espelhada na obra (Silva Neto, 1956, p. 22) e com o objetivo claro de servir a estudos de natureza lexicográfica (Mattos e Silva, 2008, p. 15).

Nesse processo, buscou-se fazer a menor intervenção possível no processo de leitura e interpretação desses textos, transcrevendo cuidadosamente todos os elementos presentes, procurando fazer a menor mediação possível.

A edição da “Cartinha pera ensinar a leer” (1500?) foi desenvolvida coletivamente, como parte da avaliação do componente optativo “História da Língua Portuguesa”, ofertado para o curso de Licenciatura em Letras, no Centro de Formação de Professores (UFRB), no semestre 2019.2, ilustrada na imagem a seguir:

Figura 1: Edição da “Cartinha pera ensinar a leer” (1500?)



Fonte: Elaborado pela autora.

A “Cartinha pera ensinar a leer” (1500?), como explica Rosa (2002, p. 141-142),

constitui-se numa das muitas cartinhas estampadas por Germão Galharde, impressor francês estabelecido em Lisboa, entre 1519 e 1560, que também executou, entre 1530-1531, alguns trabalhos na oficina do Mosteiro de Santa Cruz de Xoimbra, por ele montada. (Rosa, 2002, p. 141-142).

O título completo da obra é “Cartinha pera ensinar a leer. Cõ as as doutrinas da prudência. E regra de viuer em paz. Nouamête empremida Cõ priuilegio del Rey nosso señor”, e o fac-símile disponível no acervo digital da BNP é composto por 72 páginas. Há muitos trechos em latim e, pela leitura do material, é possível afirmar que:

as referidas obras não se pautaram somente no ensino do abc, mas, sobretudo, no ensinamento das orações religiosas, tornando-se, dessa maneira, importantes manuais de doutrinação. Note-se que as Cartinhas demonstram o momento em que os portugueses passaram a ter uma visão mais elaborada sobre o aprendizado da língua escrita, por isso, começaram a produzir material didático voltado ao ensino. (Sousa; Silva, 2018, p. 6)

Como a “Cartinha...” possui muitos trechos em latim, destacados em azul e vermelho, conforme o grau de dificuldade de leitura de cada trecho, foram identificados com diferentes na cor preta os trechos que seriam considerados para o estudo do léxico relacionado ao ensino.

A fim de garantir uma edição mais conservadora, foram tomadas decisões editoriais, como as seguintes: as gravuras foram mantidas nas alturas em que aparecem no

fac-símile; os textos exógenos não foram transcritos; todas as abreviaturas foram desenvolvidas em itálico; o ‘s longo’ é representado pelo ‘s simples’ em todas as suas ocorrências, assim como o ‘i longo’; na transcrição rasuras, correções e informações paleográficas são assinaladas em notas de pé de página, dentre outras.

A edição da “Lei estabelecendo a formação dos letrados canonistas e legistas para o exercício do cargo de desembargador, corregedor, ouvidor da comarca e juiz de fora” (1539) foi desenvolvida como pesquisa de Iniciação Científica, com fomento do CNPq, e foi desenvolvida pelo bolsista Mateus Lemos Mascarenhas da Silva.

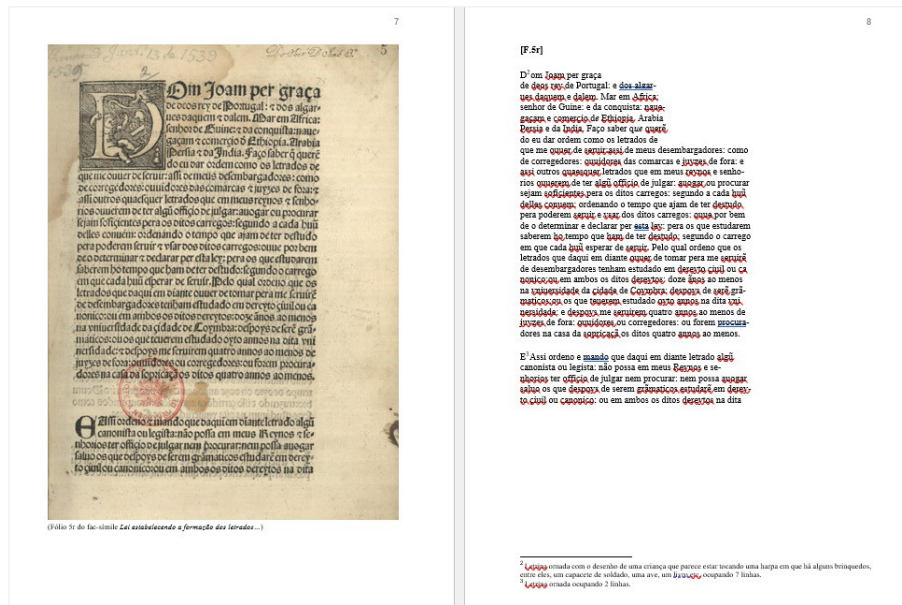
O trabalho seguiu o mesmo fôlego da edição da “Cartinha...”, mesmo considerando que cada texto demande decisões editoriais concentradas em suas especificidades. Como esse texto é composto de apenas duas páginas, reto e verso, e não havia trechos em latim, houve um menor número de critérios adotados, consequentemente.

Após a conclusão do relatório da pesquisa, juntamente com o discente Alan Souza da Silva, foi realizada a revisão da edição e elaborada a contextualização que será, brevemente, publicada como fonte primária pela Revista Caligrama (UFMG).

A figura 2, a seguir, ilustra a edição da “Lei...”:

Embora conservadora, pela manutenção das fronteiras entre os itens lexicais, ou seja, não junção ou separação de nenhum item do léxico, e pelo respeito às quebras de linhas, considerou-se que as edições elaboradas sejam melhor classificadas como semidiplomática, considerando o “grau de mediação do editor” e que houve alguma “intervenção no texto que se busca editar”, mesmo que não tenha sido mínima, concentrada no desdobramento das abreviaturas em itálico (Borges e Souza, 2012, p. 27-28).

Figura 2: Edição da “Lei estabelecendo a formação dos letrados canonistas e legistas para o exercício do cargo de desembargador, corregedor, ouvidor da comarca e juiz de fora” (1539)



Fonte: Elaborado pela autora.

LÉXICO DO ENSINO? O LÉXICO PATENTE NA DOCUMENTAÇÃO QUINHENTISTA DE CUNHO PEDAGÓGICO OU ALGUNS VERBETES ELABORADOS A PARTIR DESSAS EDIÇÕES E A NOÇÃO DE “LÉXICO DO ENSINO”

A observação dos itens lexicais registrados em documentos identificados como de cunho pedagógico permite interpretar o cenário em que o português começa a se estabelecer como “língua de ensino”, uma vez que, o léxico é o nível linguístico mais afetado pelas mudanças ao longo do tempo (Vilela, 1994, p. 14).

“A arquitetura histórica do léxico”, como bem afirma Machado Filho:

molda-se, pois, em alicerce de grande complexidade, estruturando-se indissociavelmente no fazer sócio-histórico – igualmente como sói ocorrer nos outros níveis formativos de uma língua –, conquanto, se evidencie essa tendência no léxico em dimensão muito mais diáfana do que na morfologia, na sintaxe ou no discurso (Machado Filho, no prelo, p. 1. Tradução do autor).

Nesse sentido, foram levantadas algumas formas como ilustrado na figura 3:

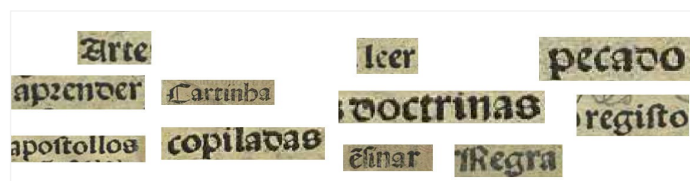
Com base nos itens identificados, foram realizadas discussões acerca da ideia de “léxico do ensino”, o que acarretou uma longa discussão acerca do português como “língua de ensino” e seus impactos nos territórios colonizados pelos portugueses, levantados questões que demandam um adequado aprofundamento teórico antes de sua apresentação.

Entre itens lexicais como ‘arte’, ‘leer’, ‘pecado’, ‘aprender’, ‘cartinha’, ‘doctrinas’, ‘registo’, ‘apostollos’, ‘copiladas’, ‘ënsinar’, ‘regra’, sugiram diversas discussões acerca do cenário de reconfigurações socioculturais e linguísticas que se apresentava no Portugal quinhentista (Mattos e Silva, 2001), sobre o papel da igreja e sobre a função dessas obras no processo de colonização empreendido pelos portugueses nesse período.

A presença de itens lexicais como ‘letramento’ também chamou a atenção, uma vez que, conforme demonstra o historiador medievalista Armindo de Souza (1992, p. 532-533), a “elite intelectual” não representava nem 2% da população e era ligada, em sua maioria, ao mundo religioso dos mosteiros e das dioceses, à Igreja Católica e a segmentos da nobreza” (Souza, 1992, p. 532-533).

Após o levantamento de alguns itens que ilustravam uma discussão ainda em aberto acerca da noção do “léxico do

Figura 3: Alguns itens lexicais identificados nas obras selecionadas



Fonte: Fac-símiles das obras editadas disponíveis nos acervos. Elaborado pela autora.

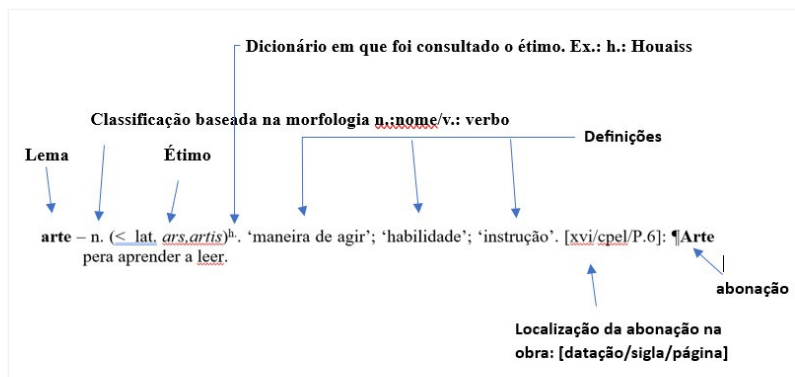
ensino” e que pareciam representar parte dos movimentos socioculturais e políticos implicados no início do português como “língua de ensino”, foram estabelecidos os critérios para o desenvolvimento do trabalho de natureza lexicográfica.

A lexicografia, como é de amplo conhecimento, se ocupa de inventariar o léxico patente nos mais diversos *corpora* do português e é, geralmente, definida como “a “ciência”, “técnica”, “prática” ou mesmo “arte” de elaborar dicionários, vocabulários, glossários etc (Welker, 2004, p. 11).

Na lexicografia tradicional busca-se registrar os itens pelas suas formas “neutras”, apagando as flexões e as formas consideradas variantes não normativas ou de menor prestígio. Na contramão dessa prática, a lexicografia histórico-variacional busca pela “conservação dos usos da escrita, isto é, pelo pleno registro da variação gráfica” (Machado Filho, 2012, p. 382).

No processo de compreensão dos pressupostos metodológicos da lexicografia histórico-variacional, foi sendo construído o verbete-chave, conforme a figura a seguir:

Figura 4: Verbetes-chave



Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, alguns verbetes são apresentados para ilustrar o trabalho lexicográfico, ainda em desenvolvimento:

Como é possível observar, a microestrutura dos verbetes ainda está em construção. Considera-se, no entanto, que, conforme a discussão acerca da noção de léxico do ensino avançar, certamente, haverá impactos da microestrutura

a ser proposta para o vocabulário do léxico do ensino do português empregado no século XVI.

Há, no entanto, muitos desafios no horizonte a respeito das formas de divulgação dos verbetes construídos e das possibilidades de desenvolvimento de um produto lexicográfico para amplo acesso, em um ambiente virtual seguro e que possa seguir em expansão.

arte – n. (< lat. *ars, artis*)^{h.}. ‘maneira de agir’; ‘habilidade’; ‘instrução’. [xvi/cpel/P.6]: ¶**Arte** perá aprender a leer.

[**artigo**] → artigos.

artigos – n. (< lat. *articulus, ī*)^{h.}. ‘capítulo de um livro’; ‘divisões’. [xvi/cpel/P.6]: ¶Os **artigos** da fe feitos pelloos apostollos. || [xvi/cpel/P.6]: ¶Os **xiiii artigos** da fe. Os **.x. mādamentos** de deus.

cartinha – n. (< lat. *chartula, ae*)^{h.}. ‘livro com os primeiros rudimentos de leitura’; ‘carta do abc’. [xvi/cpel/P.6]: **Cartinha** perá êsinar | leer. Cõ as doutrinas da prudência. E re- | gra de viuer em paz. Nouamête empre- | mida Cõ priuilegio del Rey nosso señor.

doctrinas – n. (< lat. *doctrina, ae*)^{h.}. ‘instrução’; ‘ensinamento’; ‘método’. [xvi/cpel/P.6]: [xvi/cpel/P.6]: Cartinha perá êsinar | leer. Cõ as **doctrinas** da prudência. E re- | gra de viuer em paz. Nouamête empre- | mida Cõ priuilegio del Rey nosso señor.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Dentre as considerações que fecharão esse trabalho, vale a ratificar que os estudos empreendidos sobre as obras quinhentistas de cunho pedagógico no âmbito da Linguística

Histórica têm contribuído para o conhecimento das características linguísticas que configuram o português antigo em oposição ao moderno (Mattos e Silva, 2006; 2001), além de basear análises constrativas da metalinguagem dos primeiros gramáticos e trabalhos sobre os diversos níveis de análise linguística.

O breve texto apresentado teve o intuito de divulgar uma pesquisa ainda em andamento no Centro de Formações de Professores, na Universidade Federal da Bahia, intitulada O Léxico da Língua Portuguesa no Alvorecer do Português Moderno, desenvolvido em parceria com alguns discentes do curso de Licenciatura em Letras.

Acredita-se que, após a edição de outros documentos, as questões que pairam acerca do “léxico do ensino” sejam apresentadas com maior robustez. Por ora, segue-se reafirmando a importância de investigar os itens lexicais a fim de interpretar o cenário em que o português vai progressivamente assumindo o lugar de “língua de ensino” e se aproximar da compreensão desse cenário, buscando sobre as possibilidades para a construção de um ensino mais democrático e plural, com menos contradições e violências.

REFERÊNCIAS

BARROS, João de. **Grammatica da lingua portuguesa**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1540.

BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Filologia e edição de texto. In: BORGES, Rosa et al. **Edição de texto e crítica filológica**. Salvador: Quarteto, p. 15-59, 2012.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. **Historiografia da língua portuguesa**. Lisboa: Sá da Costa, 1984.

CARTINHA PERA ENSINAR A LEER. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1500.

FARACO, Carlos Alberto. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

GÂNDAVO, Pêro Magalhães de [1574]. **Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa. Com o diálogo que adiante se segue em defesa da mesma língua**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981. p. 61.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LEÃO, Duarte Nunes de. **Orthographia da Lingoa Portuguesa**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1576.

_____. **Origem da língua portuguesa**. Lisboa: Faculdade de Letras, 1669.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Diversidade e unidade: a aventura lingüística do português. **Revista ICALP**, Lisboa, v. 1, p. 1-29, 2002.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Lexicografia Histórica e Questões de Método. In: LOBO... [et al.] Organizadoras. **Rosae: linguística histórica história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012. p.381-390.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Dicionário etimológico do português arcaico**. Salvador: EDUFBA, 2013.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Do conceito de variante nos estudos do léxico de perspectiva histórico-variacional. **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo, n. 2, p. 261-275, v. 16, jul./dez. 2014.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Novo dicionário do português arcaico ou medieval**. 1. ed. USA: Independently published, 2019.

MACHADO FILHO, Américo V. L.. The history of the lexicon. In: Johannes Kabatek; Albert Wall. (Org.). **Manual of Brazilian Portuguese Linguistics**. 1ed. Berlin: De Gruyter, 2022, p. 193-218.

MAIA, Clarinda. Linguística Histórica e Filologia. In: Lobo Tânia et al. **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012,

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Reconfigurações socioculturais e lingüísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico. **ALFA**, São Paulo, v. 45, p. 33-47, 2001.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O Português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.

ROSA, Maria Carlota. Uma arte pera aprender a leer quinhentista. In: CAGLIARI-MASSINI, Gladis et al. (org.). **Descrição do português: linguística histórica e historiografia linguística**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, p. 141-157, 2002.

SILVA, Jane Keli Almeida da; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Vocabulário gramatical quinhentista: para uma análise contrastiva da metalinguagem em Fernão de Oliveira e João de Barros**. 2017. 2v. 204f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras da universidade Federal da Bahia, Salvador.

SOUZA, Cemary Correia de; SILVA, Jane Keli Almeida da. A língua portuguesa em direção ao século XVI: principais reconfigurações socioculturais. **Mandinga-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 2, n. 1, 2018, p. 8-23.

SOUZA, Armindo. A cultura. In: MATTOSO, José. (Org.). **História de Portugal**. v. II. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993.

VERDELHO, Telmo. “Um remoto convívio interlingüístico. Tradição retórica e herança metalingüística latino-portuguesa”. In: MATEUS, Maria Helena Mira (Coord.). **Caminhos do Português: Exposição Comemorativa do Ano Europeu das Línguas**. Lisboa, Bibl. Nacional, 2001, p.75-102.

VILELA, Mario. **Estruturas léxicas do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.